Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco

(SUBSÍDIO — HOMENAGEM)

RAIMUNDO TELES PINHEIRO

Nasceu aos 20 de setembro de 1900, na casa n.º 38 da atual Rua Solon Pinheiro, na cidade de Fortaleza, na qual, após a competente restauração, foi colocada uma placa de bronze, alusiva ao fato, aos 20 de setembro de 1972, em solenidade com a participação do Governador do Estado, Cel. R-1 Cesar Cals de Oliveira Filho, do Cmt. da 10ª Região Militar, Gen. Oscar Jansen Barroso, do Cap. de Mar e Guerra Paulo Viana Castelo Branco e Antonieta Castelo Branco Diniz (filhos do marechal), de outras autoridades civis e militares, e dos membros do "Grupo de Trabalho" designado para proceder a trasladação dos restos mortais do Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco e de sua esposa D. Argentina Castelo Branco do Rio para Fortaleza: Dr. Ernando Uchôa Lima, presidente do "Grupo" e orador da solenidade, Dr. Raimundo Girão, Gen. Raimundo Teles Pinheiro e Dr. Otávio Pontes, além de populares. E, ainda, às 15:20 do dia 29 de março de 1973, após oportunos, enaltecedores e brilhantes discursos do Secretário de Cultura Dr. Ernando Uchôa Lima e do Governador Cel. Cesar Cals de Oliveira Filho, com a presença de autoridades civis e militares, foi instalado solenemente o Conselho Estadual de Cultura...

Filho do Gen. de Brigada Cândido Borges Castelo Branco, piauiense de Campo Maior, e de D. Antonieta de Alencar Castelo Branco, fortalezense de Messejana, fez o futuro Marechal Castelo os seus estudos iniciais no "Externato São Rafael", supervisionado pelo Colégio Imaculada Conceição de Fortaleza, e dirigido pela Irmã Inês (vivem ainda os seus colegas de classe Professor Mozart Solon e industrial Fernando Pinto), e o curso secundário no Colégio Militar de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

Matriculou-se na Escola Militar do Realengo em 29 de janeiro de 1918, de onde saiu Aspirante a Oficial da Arma de Infantaria aos 18 de janeiro de 1921, indo servir no 12.º Regimento de Infantaria, em Belo Horizonte, onde, após promovido ao pôsto de 1.º Tenente, contraiu núpcias com a nobre dama D. Argentina Viana Castelo

Branco, filha do Comendador Artur Viana e D. Cherubina Martins Viana, havendo do ilustre casal os filhos já referidos Paulo e Antonieta.

Foi sucessivamente promovido: a 2.º Ten. em 11 de maio de 1921, a 1.º Ten. em 31 de outubro de 1922, a Cap. em 22 de março de 1932, a Major por merecimento, em 03 de maio de 1938, a Ten. Cel. por merecimento, em 15 de abril de 1943, a Cel, por merecimento, em 25 de junho de 1945, a Gen. de Brigada em 02 de agosto de 1952, a Gen. de Divisão em 25 de agosto de 1958, a Gen. de Exército em 25 de julho de 1962, a Marechal na Reserva de 1ª Classe em 14 de abril de 1964, em virtude de ter ascendido à Presidência da República, por eleição indireta do Congresso Nacional, nos termos do Ato Institucional baixado pelo Alto Comando da Revolução, de primeiro de abril.

Cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (sendo classificado em primeiro lugar), a Escola Superior de Guerra da França, a Escola de Comando e Estado-Maior dos Estados Unidos, sendo diplomadò, também, pela Escola Superior de Guerra do Brasil. Era sócio efetivo do Instituto Brasileiro de História Militar, Correspondente do Instituto do Ceará, "Doutor Honoris Causa" da Universidade Federal do Ceará e da Faculdade de Filosofia do Crato, justo prêmio ao mérito da sua cultura multiforme.

Foi instrutor, várias vezes, da Escola Militar do Realengo, além de ter exercido, sucessivamente, os cargos de Instrutor, Diretor de Ensino e Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (Em ambas tivemos a ventura de colher os seus preciosos ensinamentos, em 1932 e, depois, de 1946 a 1948).

Com a participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial, integrou, no posto de Ten. Cel, o Primeiro Escalão da FEB, exercendo as funções de Chefe da Seção de Operações do seu Estado-Maior, e o fez de maneira a merecer encomiásticas citações dos Comandantes do V Exército, Generais Critemberg e Mark Clarck, e do seu eminente Comandante, então Gen. de Div. João Batista Mascarenhas de Moraes.

Possuia as seguintes condecorações: Medalha Militar de 40 anos de bons serviços, Cruz de Combate de Primeira Classe, de Guerra, de Campanha, de Grande Oficial das Ordens do Mérito Militar, Naval e Aeronáutico; Medalha de Guerra dos Estados Unidos da América, da Inglaterra e da Argélia, Comandador da Legião de Honra da França, São Bento de Aviz de Portugal, Coroa da Itália e Mérito do Paraguai. E mais: Cruz de Guerra com Palma, Medalha

de Reconhecimento, Estrela de Bronze dos Estados Unidos da América, etc.

Nos postos sucessivos de General, exerceu as seguintes principais funções: Comandante da 10ª Região Militar (quando exercemos a função de chefe do Serviço Militar e da 1ª Seção do seu Estado Maior) (1); Sub-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, Comandante da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; Comandante da 8ª Região Militar e Guarnição da Amazônia, com sede em Belém, Pará; Diretor Geral do Ensino do Exército, no Rio (quando, por ele fomos indicado e nomeado comandante, sucessivamente, da Escola Preparatória de Cadetes e do atual Colégio Militar de Fortaleza, que tivemos a suprema honra de instalar e dirigir, com dedicada resolução e grande carinho, durante dois anos e seis meses); Comandante do IV Exército, com sede em Recife, e, finalmente, Chefe do Estado-Maior do Exército, de onde saiu com o posto de Marechal da Reserva, a 15 de abril de 1964, para dirigir, cmo Estadista de escol, na Presidência da República Federativa do Brasil, os seus destinos, no mais crítico e caótico período da sua história Republicana, e desbravar, com indomável energia e oportunissima honestidade e sabedoria, os caminhos cruciantes da secular floresta de obstáculos fabulosos, por forma a permitir a paz, a segurança, o desenvolvimento e o bem-estar que, com a graça de Deus e a sua coragem, para alguns impopular, hoje desfrutamos num revolto mundo conturbado pela angústia, pela violência, o sangue e cataratas de sentidas lágrimas...

Após transferir o Governo ao seu sucessor, Marechal Artur da Costa e Silva, aos 15 de março de 1967, fez uma viagem a Portugal a 24 de maio, atendendo a convite do seu Governo, e a Paris, como convidado do nosso Embaixador Bilac Pinto (2).

De regresso, realizou uma viagem para matar saudades do seu querido Ceará, dos seus amigos e familiares cearenses, que estimava com eufórica e sadia camaradagem, e manifesta espontânea felicidade (Uma noite, jantando no Palácio das Laranjeiras, no decorrer de agradável palestra exclusivamente sobre Ceará e Cearenses, perguntou-nos: "Onde pretende fixar residência quando deixar o serviço ativo do Exército?" "Respondemos que, provavelmente, em Fortaleza". E ele arrematou rindo: "Quando me libertar da Presidência, onde não permanecerei um segundo além do período fixado, não poderei gozar da sua felicidade; mas asseguro que estarei, durante muitas vezes por ano, comendo aquelas boas peixadas do "late" com os casais amigos(...) e tomando cafezinho na Praça do Ferreira, como fazíamos às tardes das quintas-feiras de 1953-1954, no Abrigo Central, com você, o Santabaia, o Murilo, o Vilar,

o Amarante e todos aqueles ótimos auxiliares que não esqueço e, por vezes, o Vice Stênio Gomes e o Cacique do Crato Filemón")...

Na manhã de 15 de julho de 1967, em companhia do General Raimundo Gomes Alves, no "San Pedro Hotel", palestramos alegremente algum tempo, e o fizemos novamente durante maior tempo e maior eufórica alegria, na manhã de 16, por ocasião de almoço íntimo na residência do casal Elza-Dr. Otávio Pontes, com a participação, entre outros, dos casais Gen. Dilermano Gomes Monteiro, Gen. Murilo Borges Moreira, Comandantes da Base Aérea e da Escola de Aprendizes Marinheiros, quando foram tomadas as providências necessárias à sua viagem de "trolei-motor" à fazenda NÃO ME DEIXES, da sua amiga e admiradora Rachel de Queiroz, na manhã da segunda-feira seguinte. Ao despedir-se, já no automóvel, por volta das 15:00 horas, perguntou-nos onde poderia pernoitar, ao que respondemos: "na Casa de Repouso São José, na Serra de Santo Estevão". E ele rindo: "Lá, lerei seu "Aspectos Políticos da Guerra do Paraguai" e, de volta, comentarei".

E foi o nosso último diálogo com ò grande chefe còm quem cooperamos em inúmeras missões e insígne Mestre no Realengo e na Praia Vermelha, e constituiu-se modelo indelével para a nossa correta conduta profissional, pública e social. A sua indiscutível honradez, seus destacados méritos culturais e profissionais, sua grandeza de coração, sua proverbial euforia no convívio com òs amigos, sempre foram reconhecidos. Seu grande poder de liderança, sua estatura como dos maiores Estadistas do Brasil, já estão sendo reconhecidos e proclamados, e, rápidamente, mostraremos adiante...

Depois... a hecatombe das 09:30 do dia 18 de julho de 1967, quando do seu regresso de Quixadá no avião Piper Aztec do Governo do Estado, matrícula PP-ETT, que se chocou com o jato T-33 do 1.º/G.Av., que se encontrava em formação com outras aeronaves em exercício, e, em consequência a sua trágica morte e dos seus companheiros de viagem (Cândido de Alencar Castelo Branco, Maj. Art. Manuel Nepomuceno de Assis e Alba de Mesquita Frota, além do piloto Francisco Celso Tinoco Chagas).

Vimos, violentamente emocionado e transido de dor, o seu corpo desarticulado, quando da necessária autópsia no Hospital Militar de Fortaleza, desfilamos tristonho, aniquilado, frente ao seu corpo inerte, juntamente com o nosso povo, acabrunhadò, na sua sentida homenagem ao grande cearense, durante o velório no salão nobre do Palácio da Luz; assistimos, contristado, o embarque do ataude com os despojos daquele grande amigo, que, no almoço da manhã de 16 citado, havia combinado achar-se aqui para maior

permanência em agosto ou setembro, por forma a pòder visitar conosco, além do "nosso Crato", a cidade de Exu, origem dòs Alencar no Brasil, e que não o pudera fazer, na sua estada, como Cmt. da 10ª Região Militar, nas comemorações do primeiro centenário da elevação do Crato à categoria de cidade, em 16/17 de outubro de 1953; e não o pudera, ainda, quando da sua estada como Presidente da República, nas comemorações do bi-centenário da criação da Vila Real do Crato, em 21 de junho de 1964.

Depois... a participação, com muita honra, do "Grupo de Trabalho" que elaborou a programação da trasladação dos seus e dos despojos de sua nobre esposa do Rio para Fortaleza, e das cerimônias altamente consagratórias dos dias 17 e 18 de julho de 1972, quando, após visitação pública na Igreja do Pequeno Grande, vieram aludidos venerandos despojos repousar no grandioso Mausoléu, situado a 150 metros da nossa residência, com as ilustres presenças dos Exmos. Srs. Presidente da República, Governador e demais autoridades Estaduais, Ministros, Parlamentares, Marechais, Generais da Ativa e da Reserva, demais autoridades militares, civis e eclesiásticas, seus companheiros ex-combatentes da FEB e povo da sua querida Fortaleza.

Depois ... a participação direta das posteriores homenagens, nas cerimônias da aposição de placas comemorativas, a 19 e 20 de setembro de 1972, no apartamento n.º 18, da Casa de Repouso São José, em Santo Estevão, Quixadá, onde o ilustre cearense pernoitou a última noite de sua vida terrena, e na casa n.º 38 da atual rua Solon Pinheiro; e, por fim, na instalação, na mesma casa desapropriada e completamente restaurada, do Conselho Estadual de Cultura, às 15:20 horas do dia 29 de março de 1973, antes aludidas...

E, embora já perlustrando o compartimento dos 65 marços, quando imperativamente se nos deparam problemas a equacionar e resolver, quando nos surgem dúvidas e angústias, recorremos a Deus, à nossa consciência, aos ensinamentos do insigne mestre e ao estímulo da sua carinhosa correspondência (Exemplos: "Rio, 8 de junho de 1954. Meu caro amigo Telles, Estou aqui mais para agradecer do que para lhe dar notícias. Desde minha chegada que não me canso de bem considerar a camaradagem do meio Militar da 10ª R.M., não só no apreço à minha pessoa, como também nas gentilezas feitas à Argentina. E você e sua senhora muito fizeram para que tivessemos tanta consideração. O casal nunca variou, sempre o mesmo no trato e nas atitudes. Desde o Rio, antes de 1952. Em 1953, então, nos ligamos mais pelo trabalho e pela boa vizinhança. E no Crato? Aí, vimos e sentimos, no casal, a fidalguia da gente daquela terra. Por tudo isso, meu velho amigo Telles, muito obri-

gado. E a melhor maneira de lhe expressar meus agradecimentos é lhe dizer o meu propósito de conservarmos a amizade do casal... E aceite um apertado abraço de seu amigo e camarada obrigado H. Castello Branco"; outro: "Meu caro Telles. Quando eu escrevi este discurso, muito me lembrei da equipe de estado-maior que tanto me ajudou na 10ª R.M. com as suas qualidades bem positivas. E destaco, nessa equipe a sua pessoa, o auxiliar sério, operoso e eficiente, além disso, o bom amigo. Um apertado abraço do seu velho camarada Castello. Em 24-VI-1955"; outro: "Rio, 14 de agosto de 1962. Meu caro Telles. Estou em falta com você e bem grande. Já deixei a D.G.E., a 9 do corrente, estandò agòra à espera de classificação. Até agora de nada fui informado, nem perguntado. Envio-lhe o elogio que, com muita honra, fiz ao ilustre e amigo Cmt. do CMF. Nossas recomendações à Dona Valdelice. Um abraço muito amigo do seu velho camarada H. Castello Branco"; outro: "Guanabara, 5 de março 1964. Meu caro Telles. Muito reconhecido a seus préstimos durante a minha estada em Fortaleza. A amizade velha é como aguardente do Crato. Minhas melhores recomendações à Valdelice. Um abraço amigo do Castello"; e mais um: "De Palácio do Planalto Brasília-D.F., 21 de março 1966. Cel. Raymundo Telles. Estado Maior do Exercito. Min. Guerra — Rio-G.B. Recebi folheto referente minha visita nosso Crato pt Agradeço fidalgia et estima apresentação feita velho camarada amigo pt Marechal Castello Branco — Presidente da Rep").

Este, o insigne mestre e doutrinador militar que nos instruiu na Escola Militar de Realengo e na Escola de Comando e Estado-Maior do Exército; este o grande chefe militar a quem prestamos a possível eficiente cooperação na Chefia do Serviço Militar e na 1ª Seção do seu Estado-Maior Geral na 10a. Região Militar, e nos comandos sucessivos, da Escola Preparatória de Cadetes e do Colégio Militar de Fortaleza, sob sua chefia na DGE; este o grande amigo de coração adamantino, sempre aberto aos íntimos. (Quando do nosso comando no Colégio Militar, era seu chefe de Gabinete o companheiro e distinto amigo Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira, então Coronel).

E que dizer do grande Estadista? Proclamemos a conceituação da História: "... aos 11 de abril de 1964, o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, um dos mais brilhantes e notáveis chefes do exército brasileiro, figura tradicional por sua atuação na Força Expedicionária, e nas mais elevadas funções militares, foi eleito Presidente da República, recebendo o pesadíssimo encargo de

restabelecer a ordem em todos os setores da vida nacional, que um regime irresponsável abalara brutalmente.

Castelo Branco, enérgico e prudente, iniciou um governo de saneamento e reconstrução, procurando extirpar as falhas em suas raizes, revitalizar o organismo do País e restaurar o seu prestígio internacional. Organizou um ministério com figuras das mais competentes e notáveis. Adotou corajosas medidas de contenção da inflação e promoveu inúmeras iniciativas de desenvolvimento. Enfrentou sérias crises, naturais em um ambiente revolucionário, onde as sensibilidades afloram no intuito patriótico das funções idealistas. (.....) A gestão Castelo Branco restaurou a autoridade moral do Presidente da República do Brasil. Infundiu a confiança do povo e elevou o conceito de nòsso País nò exteriòr. A figura desse Marechal, que em função de Estadista revelou-se indiscutível, honrou o Exército, ao mostrar a sua cultura, o seu patriotismo e a sua coragem. Como desejava, em 15 de março de 1967, entregou a faixa presidencial ao Marechal Costa e Silva, eleito seu sucessor. Retirou-se modestamente para sua vida particular, vindo a falecer, pouco mais tarde, em consequência de lamentável acidente aéreo. Tributou-lhe a Nação, que tanto lhe devia, as mais sentidas homenagens" ("História do Exército Brasileiro", Edição do Estado Maior do Exército, 1972).

Para concluir: Este despretensioso subsídio é uma pálida homenagem do "vaqueiro do Crato", agora também, de acordo com a lei n.º 4.057, de 29 de setembro de 1972, e Diploma solenemente entregue aos 02 de março de 1973, "vaqueiro de Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção". É uma grata imposição do conceito que cultuamos com unção religiosa: Enaltecer e Venerar os eminentes vultos do passado. Notadamente os que nos guiaram pelos caminhos da HONRA, da DIGNIDADE e do DEVER, da JUSTIÇA, do CIVISMO e do PATRIOTISMO...

Fortaleza, 24 de maio de 1973.

NOTAS:

(1) O Gen. Castelo transmitiu o comando da 10ª Região Militar ao Cel. Arnould Antunes Maciel em 21 de maio, e embarcou para o Rio, num "Constellation" da PANAIR, às 10:30 de 23

de maio, tudo de 1954. Foi nomeado seu substituto, no comando efetivo da Região, o Gen. de Brigada Emílio Maurell Filho (Gen. R.T.P.)

(2) O Presidente Castelo Branco, de 15 de abril de 1964 a 15 de março de 1967, voou 974,35 horas, 413.117 quilometros, fez 121 visitas aos Estados, passou 416 dias em Brasília, 490 no Rio e 158 nos Estados; concedeu 3.221 audiências e despachou com seus Ministros, 5.368 audiências com autoridades diversas, diplomatas, dirigentes de empresas, delegações, etc, e 617 reuniões: Ministerial, Conselho de Segurança Nacional, Alto Comando das Forças Armadas, Ministros de Estado e Parlamentares ("Castello Branco, Revolução e Democracia", de José Wamberto).